

# O OLHAR DE GERVÁSIO LEITE: PONTE DE AFETO

*Marília Beatriz de Figueiredo Leite*  
(Advogada, Teatróloga e Literata. mb.fl@bol.com.br)

Para minha irmã Moema e à outra Adélia, para a batalhadora amiga e acadêmica Cristina e para todos os amigos da AML

Talvez a exacerbada convivência com GERVÁSIO LEITE, meu pai, pode em algum quadrante ter atrapalhado a visão que tenho dele e, por mais que tente distanciar os meus sentimentos e pensamentos, ainda fico aprisionada pela séria conjuntura de ser filha de um homem que foi responsável pela forma como penso a vida, pelos meus gostos e pelo jeito libertário que busco para compreender o ser humano.

A visão de Gervásio Leite, as grandes preocupações que meu pai e o seu estar no mundo conservavam incrustadas em sua mente e coração: o indivíduo, o meio e o Direito.

Para ele, o que tomava forma, o que de fato contava não era tanto o modo como a coisa era feita, fosse ela uma teoria, uma matéria concreta, uma relação entre os seres, uma letra, um poema ou a política. O que importava é o que poderia sustentar o humano por um tempo maior, por uma época de plena construção, onde o olhar do homem fluía além do horizonte.

Muitas vezes, percebia seu olhar perdido na calçada da Rua de Baixo (Rua Galdino Pimentel) e pensava o que é que ele está buscando, açambarcando ou simplesmente mirando neste local de tanta gente conhecida e com um comércio ainda incipiente naquele tempo?

Outras vezes, andava com ele pela Avenida Getúlio Vargas e atentava também para uma visada mais atenta ou para a Praça da República ou para a Praça Alencastro e um jeito manso de olhar para o que hoje é o Cine Teatro. Notava que naqueles olhares nasciam memórias que avançavam e mostravam, em seu silêncio, o quanto de bom e de encantamento encontrava por esses espaços. Da catedral, é evidente que lembrava o casamento com minha mãe e a mirada era de doçura.

Tinha vontade de perguntar: “*O que significam tais olhares?*” E não ousava perguntar, pois o olhar era como o espelho de seus pensamentos, das suas estruturas representativas. Muitas vezes, eu era envolvida também por aquele modo de visão. Passavam por mim umas sonoridades. O olhar dele era o modo de amar que lançava

para A TERRA NATAL. Eis que saia de seus olhos algo como música e, como ela não tem modo de representar a realidade aparente, era muito complicado que eu alcançasse a verdade daqueles variados olhares. Também devo deixar marcado que tinha certeza, como já anotei acima, que ele não apreciava a aparência, o que ele insistia em rastrear e em retratar era o comportamento revelador, a maneira emocional da variedade dos sentimentos humanos.

Quando ele expressou em seu poema “PRIMEIRO POEMA PARA AS MULHERES QUE AMEI UM DIA”:

- *MULHERES QUE AMEI UM DIA*

*MULHERES DE OLHOS ESQUISITOS...*’ apreendo que, em certo sentido, o modo como Gervásio Leite apreciava o feminino tinha tudo a ver com a estética da arte e do amor. As mulheres, para ele, eram fruto da profundidade histórica que ele tinha em sua vida e isso surgiu quando, discursando na abertura de um ano letivo declarou:

As mulheres mandam em minha vida e o olhar que lanço para elas é de muito afeto 1º minha mãe Isabel, depois minhas irmãs Elza e Ana Terezinha, em seguida minha mulher Nilce e agora minhas filhas Marília e Moema. Creio mesmo que é por elas que cheguei até aqui e que vou continuar olhando para frente com o entusiasmo de quem vê as coisas desenvolvendo e ninguém mais adequado para tal tarefa do que as senhoras. Elas ensinam a construir a VIDA e ultrapassar os obstáculos além de permitir que em nossas estradas a oportunidade de amar não escape. Assim acho que a Universidade Federal de MT deve ter extremada atenção com o grupo docente e discente feminino da nossa instituição . As mulheres fazem de um modo firme e com categoria a educação e a cultura de nossa gente.

Importa ressaltar o cunho de verdade histórica que a visão gervasiana tinha sobre o mundo e o profundo abraço memorialista que ele traz para seus textos. Escrevendo sobre Rondon, sobre a Guerra, sobre o assassinato de Garcia Lorca, enfim, acompanhando como verdadeiro jornalista, ele informava os episódios e observava os homens às forças vivas e de ruptura que emergiam, olhando com jeito rastreador e seletivo. O que ele queria era diminuir os limites de insensatez como o ser se apropria do mundo. O homem no seu fazer e/ou no seu falar pode ter maior abertura no seu campo de visão. Ele prelecionava que a verdade não era solução de tudo, mas ajudaria a ultrapassar os erros e lançava mais longe o entendimento sobre o HUMANO. Isso era em termos do pensar o que mais importava: não cristalizar as soluções.

Gervásio Leite era um homem singular, pois amava a Verdade, porém, a polêmica fazia parte da cena. A cena que estava em preparação no futuro. A contradição entrava pela porta da frente de seu viver.

Presente e futuro não eram trilhas de um andar vagaroso e exploratório, quanto mais o olhar buscava o passado encontrava um caminhar vigoroso e que, mirando para frente, sabia que lá estava o alcance do homem, construtor da civilização que ele ansiava ver edificada e na qual ele trabalharia com afinco.

O lance de voltar os olhos para o passado era muito mais um modo de acreditar que o conhecimento construído ao longo do tempo pode ser mais estruturante do que aquele construído sem a amplidão, sem a voragem que lança o ser para o futuro tendo em vista o que já foi visto, o que já foi sentido e/ou alcançado. Esse era o olhar de quem, em seu discurso de posse na Academia Mato-Grossense de Letras, afirmou e, em certo sentido, vaticinou: “Em países como o nosso, as associações culturais devem ainda EXERCER LARGA AÇÃO SOCIAL, participando vivamente do processo referente à elevação do nível cultural das massas, na missão educativa que faz dos grupos seletos fatores ativos de cultura”. Aqui, vamos já entrando no âmbito do ser que vê o HOMEM como um ente em eterna construção e que por isso mesmo precisa ter ao seu alcance órgãos interessados em elevar, em desenvolver e retirar o homem de sua precariedade para encaminhar as suas possíveis ações para o que, conforme disse Bataille: “Entretanto, é possível procurar a coesão do espírito humano, cujas possibilidades vão da santa ao sensual.”

Gervásio Leite tinha um modo particular de ajustar os seus sensores para, por exemplo, alertar: “A glória das letras está nessa missão, está em que elas se encontram ativas e alertas em todas as frentes do mundo, na palavra e nos livros dos líderes do pensamento contemporâneo”. A contemporaneidade para ele tinha esse sentido de enfrentamento com muita paciência, não para agarrar, mas sim para trazer, tomar e doar afeto. Afetar o outro com ideias novas, com atitudes inusitadas e que carregam criações e criaturas que podem alimentar os homens. A inteligência precisava de algo sensual para voar mais alto e também a transcendência ocupava lugar de destaque. Tinha como vetor que o anseio pode direcionar o sujeito ao alcance das estrelas ou jogar em poços profundos. As letras, ele entendia que podiam salvar da balburdia que estava e continua dominando o mundo para execução de um plano em que o combate deveria ser contra o império da mediocridade. Sempre afirmou que não existe nada pior do que formação de Grupelhos “donos da verdade”. O seu visor aponta algo que declarou ao tempo em que entrou na Academia Mato-Grossense de Letras e continua valendo: “O Homem como que numa época em que a técnica atingiu um dos planos mais altos da perfeição e da eficiência se compraz em destruir todas as suas criações exponenciais.” Tal preocupação

com a função das letras estava marcada pela aguda questão da belicosidade daqueles tempos. Certamente que seu espírito irrequieto ambicionava a PAZ, estabelecida em conformidade com uma literatura que trouxesse para a mesa intelectual presentes que afinassem a visão para um mundo de harmonia, em que as palavras e as melodias não estourassem cabeças e nem trucidassem corações.

A paixão que carregava pelas coisas mais simples, até as mais complexas, provocava a maneira do olhar com brilho, com profundidade e com desejo mesmo de descobrir, de saber para levar tal descoberta até à comunidade. Cada canto era visitado, fosse numa escola, numa igreja, num museu ou mesmo num simples casebre, e em tudo ele via um detalhe, encontrava magia e percebia mistérios. Creio que é um traço de sua personalidade a generosidade em conhecer e distribuir o saber. Provavelmente, por conta de que ele não foi favorável àquilo que ALDOUS HUXLEY denominou de admirável e ele de “espantoso mundo novo”. Explica que há um descompasso entre as ciências e as técnicas que voam enquanto no campo das ciências sociais e culturais: “avançam na morosidade da progressão aritmética”. Assim, isso não agrada porque, para ele, tudo deve ter o mesmo patamar de evolução e revolução e proclama: “Alargasse, assim, cada vez mais, o fosso que separa as ciências do fazer das ciências do agir e,...” Esse pensar faz surgir mais uma frente para as batalhas em que ele trabalhava. Suas tarefas nesses campos eram travadas tanto em seu próprio escritório de advocacia, na face jornalística, na Universidade Federal de Mato Grosso ou na Academia Mato-Grossense de Letras e, por fim, no Tribunal de Justiça de Mato Grosso. E essa fala sobre tal desarranjo científico começou já quando ele era deputado (1947/1950).

Ele tinha plena consciência de que não podia reclamar de que o espaço e o tempo lhe faltaram, porque, caso pensasse desse modo, é que tinha sido ele que faltou ao mundo.

Dentro da esfera individual preconizava que todo ser humano tem o Direito e o Dever de uma educação sólida, condizente com a realidade e que estruturasse um cidadão cômico de suas responsabilidades, o que, para ele, afastaria a miséria material ou moral. Disse, como deputado, algo que deve ser destacado: “Em Mato Grosso todas as iniciativas que resultarem em alargamento e difusão da cultura em toda sua plenitude e intensidade, devem merecer a simpatia e o incentivo do poder público eis que somente assim, pelo aprimoramento de qualidades intelectuais é que poderemos preparar gerações dignas e aptas às realizações que importam no engrandecimento do Estado.”

(23 de julho de 1947) e, na verdade, continuamos MAIS QUE NUNCA PRECISANDO DESSE APOIO.

Entendia que o meio precisa estar cercado de todos os cuidados, a começar no âmbito familiar, local reservado para o respeito com alegria. Foi nesse espaço que ensinou o gosto por dançar, por ouvir boa música popular, *jazz* e clássicas. Estimulava divertimentos que encantavam minha irmã Moema e eu, como assistir os Festivais de Tom & Jerry, almoços divertidos nos restaurantes cariocas, brincadeiras no saudoso Sayonara, com Nazi Bucair e Cia. O meio, para ele, significava o lugar, a cidade em que tinha nascido e para ela afirmava o seu incontido e desmesurado amor, descrito em seu livro *Terra Agarrativa e Linda*. Ele tinha como certo que não faltam estrelas, nem jardins, nem pedras/seixos redondos nas águas dos rios. O meio ambiente nascia em casa, no meio familiar, e depois atravessava os campos, cuidando dos verdes e do correr das águas. Ao defender os municípios, tocou em pontos cruciais e os colegas tiveram que tomar conhecimento da riqueza que Mato Grosso carregava com relação ao tema.

Cuidava do espaço público tanto quanto cuidava do espaço privado!

Caminhamos agora para a visão que ele tinha sobre a carreira de advogado. Sobre o seu amor pela Justiça. Toda vez que vi e ouvi meu pai, Gervásio Leite, falando sobre o Direito e a Justiça é como se tocasse o AMOR no coração. Tais temas eram por demais estudados, sobre eles, já tinha variados escritos. Transparecia o Amor e tinha certeza que com ele podia transbordar, pois tal sentimento não é presente a receber. É, sim, o tempo de dar Amor. Em Direito ou na Justiça, a ocasião de amar não escapa. Ouvi dele esta frase, uma vez: “Em Direito, em ocupação advocatícia só melhora, só aumenta aquilo que transformamos em ações corretas”. O Direito é semente e como semente todo dia tem que ser cuidado. Um signo a mais no tribunal dos Justos; e como disse Rui Barbosa: “Fostes instituídos para guarda dos direitos individuais, especialmente contra os abusos políticos; porque é pelos abusos políticos que esses direitos costumam perecer”.

Pois bem, foi com ele que aprendi desde cedo a preservar os ensinamentos jurídicos. Proclamava que só não defendia os ladrões. No mais, foi SEMPRE um batalhador da Justiça, pugnando pelos mais fracos e ao lado dos necessitados.

Creio mesmo que Gervásio Leite foi uma figura que em tudo que fez, nas práticas que trabalhou, nas lutas que manteve ao longo da vida foi o que minha mãe Nilce disse: “Um exemplo a ser seguido como uma LUZ: O Amor verdadeiro não se consome”. O afeto que ele espargiu mais permaneceu. E se bebemos à fonte verdadeira,

quanto mais bebemos mais generosa ela é. Assim, vivi e saboreei meu pai Gervásio  
Leite: Ponte de Afeto!